



O CORPO ENTRE O ENLACE DO IMPERATIVO DO SUPEREGO E O LAÇO CRIATIVO

DOI: 10.22289/2446-922X.V9N2A18

Vivian Maia Reis¹
Danilo Andrade de **Meneses**

RESUMO

O objetivo deste trabalho é elucidar de que corpo trata a psicanálise, um corpo que vai além do biológico, um corpo que pulsa, colonizado pela linguagem maternal e pelo inconsciente. Corpo esse, que instaura o início da psicanálise com uma inflexão científica sobre a medicina do início do século XX, com as formulações sobre a histeria. Rompendo, assim, com o discurso de Descartes, penso, logo, existo. Lacan, com seu retorno a Freud, aborda o mistério desse corpo que fala, levando em conta os registros imaginário, simbólico e real; trazendo à tona um corpo que goza, na busca de uma fantasia de completude, diante de um objeto para sempre perdido. Desta forma, é interessante pensarmos nos ideais culturais e contemporâneos, aos quais esse corpo que vai muito além do biológico fica submetido, atendendo assim, aos ditames superegoicos de gozo. Gozo esse que pode ser extraído também do viés criativo, com a possibilidade sublimatória de elevar o objeto a dignidade da coisa, este se colocando no lugar do que nos falta.

328

Palavras-chave: Psicanálise; Arte; Criatividade; Sublimação Psicológica.

¹ Endereço eletrônico de contato: vreis.rj@hotmail.com

Recebido em 28/06/2023. Aprovado pelo conselho editorial para publicação em 15/09/2023.



THE BODY BETWEEN THE LINK OF THE SUPEREGO IMPERATIVE AND THE CREATIVE LOOP

ABSTRACT

The objective of this work is to elucidate what body psychoanalysis is about, a body that goes beyond the biological, a body that pulsates, colonized by maternal language and the unconscious. This body establishes the beginning of psychoanalysis with a scientific inflection on medicine at the beginning of the 20th century, with formulations on hysteria. Breaking, thus, with Descartes' speech, I think, therefore, I exist. Lacan, with his return to Freud, approaches the mystery of this speaking body, taking into account the imaginary, symbolic and real registers; bringing up a body that enjoys, in search of a fantasy of completeness, facing an object that has been lost forever. In this way, it is interesting to think about cultural and contemporary ideals, to which this body that goes far beyond the biological is submitted, thus meeting the superegoic dictates of jouissance. This enjoyment can also be extracted from the creationist bias, with the sublimatory possibility of elevating the object to the dignity of the thing, this putting itself in the place of what we lack.

Keywords: Psychoanalysis; Art; Creativity; Psychological Sublimation.

EL CUERPO ENTRE EL ENLACE DEL SUPERYO IMPERATIVO Y EL LAZO CREADOR

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es dilucidar de qué se trata el psicoanálisis del cuerpo, un cuerpo que va más allá de lo biológico, un cuerpo que pulsa, colonizado por el lenguaje materno y el inconsciente. Este cuerpo, que establece el inicio del psicoanálisis con una inflexión científica sobre la medicina de principios del siglo XX, con formulaciones sobre la histeria. Así, rompiendo con el discurso de Descartes, pienso, luego existo. Lacan, con su regreso a Freud, aborda el misterio de este cuerpo que habla, teniendo en cuenta los registros imaginario, simbólico y real; sacando a la luz un cuerpo que disfruta, en busca de una fantasía de plenitud, frente a un objeto perdido para siempre. De esta manera, es interesante pensar en los ideales culturales y contemporáneos, a los que se somete este cuerpo que va mucho más allá de lo biológico, atendiendo así a los dictados superyoicos del goce. Goce que también puede extraerse del sesgo creativo, con la posibilidad sublimatoria de elevar el objeto a la dignidad de la cosa, poniéndose esto en el lugar de lo que nos falta.

Palabras clave: Psicoanálisis; Arte; Creatividad; Sublimación psicológica.



1 INTRODUÇÃO

Freud (1895) inicialmente em suas pesquisas, elucida que a histeria foi uma das primeiras considerações científicas nas quais, podemos pensar que mente e corpo, atuam juntos na constituição de um sintoma no corpo.

Segundo Laplanche e Pontalis (2001), a neurose é uma doença que tem origem psicológica, na qual seus sintomas expressam simbolicamente, um conflito psíquico que tem raízes na história infantil do sujeito e constitui compromisso entre o desejo e a defesa.

Foi com os estudos com a clínica da histeria que a representação subjetiva do corpo foi sendo construída como a origem das doenças, em conflito com a visão científica da época.

O corpo que trata a psicanálise um corpo que vai além do biológico, um corpo que pulsa, banhado pela linguagem maternal e coordenado pelo inconsciente. Corpo esse, que instaura o início da psicanálise com uma inflexão científica sobre a medicina do início do século XX, com as formulações sobre a histeria. Rompendo, assim, com o discurso de Descartes, penso, logo, existo. O sujeito para a psicanálise não é consciente e pensante. Freud, ao criar o conceito de inconsciente, subverte a noção do sujeito cartesiano enquanto sujeito da razão.

Lacan (1970), com seu retorno a Freud, aborda o mistério desse corpo que fala, levando em conta os registros imaginário, simbólico e real; trazendo à tona um corpo que goza, na busca de uma fantasia de completude, diante de um objeto para sempre perdido.

A sociedade atual sugere que venhamos a lidar com o corpo como abjeto, podendo assim, ser facilmente capturado pelo discurso capitalista, que visa o lucro, a alienação sugerida pela primazia da imagem, na sociedade contemporânea, dando a entender de forma velada, um possível encontro com o objeto perdido.

Entretanto, nós podemos pensar como saída, o gozo criativo do corpo. Em psicologia das massas Freud (1921/1979), nos faz refletir sobre a constituição do ideal do eu, que é o ideal do outro, desse outro cultural, que é transmitido para o bebê, para as crianças, pela mãe, pai e pelas figuras que representam o Outro. Podemos assim, articular a passagem da psicologia coletiva para a psicologia individual e, assim o superego pode fazer com que o eu fique igual ao ideal do outro cultural, da sociedade que fica impondo que você e seu corpo, sejam isso ou aquilo.

Tudo isso, é muito inconsciente. Transmitido pela psicologia dominante, que é uma expressão do inconsciente. O corpo para a psicanálise é constituído por lalingua, pela linguagem materna, é um corpo histerossomático, histericossomático.



2 O ENLACE DO IMPERATIVO DO SUPEREGO

Para explanarmos melhor, vamos diferenciar o eu ideal do ideal de eu. O eu ideal, refere-se ao imaginário, ele é o herdeiro do narcisismo primário. Aquilo que nós gostaríamos de ter sido, figura do narcisismo. O que o outro espera da gente. Achando que aqui a angústia cessa, caso fiquemos como um objeto para o outro. É para o eu ideal que recorremos diante de um desamparo.

O ideal de eu, refere-se ao simbólico, é a identificação com o outro da lei. É a instância secundária, herdeira do complexo de Édipo. O que devemos ser, tomando alguém, uma ideia, um ideal para autorizar nosso desejo. Como devo ser, para ser desejado com quem me identifico.

É o substituto dos pais, escola, professores, pessoas que adoramos. Ideais reguladores que nunca se alcançam.

Na psicologia das massas, nas submissões, nas paixões, há uma ilusão de união do eu ideal com o ideal de eu, diferente do conceito de superego em Freud e em Lacan, como elucidaremos adiante.

Segundo Cordeiro e Bastos (2011), enquanto que inicialmente o conceito de superego aparece mais associado à censura, a partir de "O ego e o id" Freud (1923/1990) diz que o superego não é redutível à consciência moral, já que ele pode estar vinculado ao isso. Para ele, o superego não é apenas um resquício das primitivas escolhas do id, ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas desse id. O superego tem um duplo objetivo: ele é um produto da dissolução do Édipo e, ao mesmo tempo, um recalador desse complexo, o que pode ser expresso pela singularidade impraticável do mandatório do superego com seu caráter compulsivo: deve ser como teu pai, que remete a lei, e não deve ser como teu pai, o herdeiro do id. Existe uma instância superegoica que conecta desejo e lei.

O superego nos remete a um paradoxo, ele se nutre da própria renúncia colocada por ele. O cargo do superego é avigorar as exigências da civilização, ou seja, a renúncia pulsional, abnegação da qual se alimenta. Essa renúncia à satisfação está ligada à pulsão de morte. Freud (1930/1990) elucida que tanto a realização da agressividade quanto a sua inibição em prol da civilização, trazem desprazer. Reconhecendo assim, como impossibilidade, o mandamento superegoico, a renúncia da pulsão.

Freud (1923/1990), explica um superego descompassado com a lei, como taxativo da satisfação pulsional, porém embasado no isso e ligado à pulsão de morte. Colocando como a fundação da civilização o imperativo de proteção contra a destrutividade e agressividade do próximo, ou seja, o gozo do outro, que inclusive se volta contra o próprio sujeito.

No seminário da Ética, Lacan (1986/1988) coloca que o gozo é contrário a moral. Ele postula que o gozo é um mal porque acarreta o mal do outro, o gozar do corpo do outro, que já precipita o objeto a como incluído no Outro. Essas pulsões inibidas na fonte, o gozo, é o sentido do Mal-estar na Civilização, que retorna contra o próprio sujeito. Um caminho antagônico da lei, e do gozo.



Lacan (1988) fala do corpo que se faz cama, o corpo que está se oferecendo para que haja uma incorporação simbólica da falta do Outro. E toda vez que ocorre essa intrusão de significante, também ocorre a extrusão de gozo. Então, o corpo que se faz cama, tem a incorporação do dito do Outro, que marca esse corpo, fazendo a extrusão de gozo. Dessa forma, a abertura na linguagem, demarca a perda de uma completude mítica com a mãe, ou quem faz o papel de grande *outro* nos cuidados com o sujeito. A inserção na linguagem, barra o gozo, e a cultura, ao exigir ideais impossíveis, leva ao gozo do supereu.

Segundo Cordeiro e Bastos (2011), o supereu tem uma “lógica” diferente da lei regulatória. Ele conduz uma lei insana, que não proporciona uma medida a esse mesmo gozo. O supereu inclui tanto a voz que proíbe, a voz da lei, como a voz do gozo. Ele se concretiza como lei repressora, fazendo referência ao registro simbólico: o supereu se aloca como uma fronteira ao gozo.

2.1 O laço criativo

Para podermos pensar como saída desse imperativo do superego, o gozo criativo do corpo, vamos abordar o conceito de criação artística.

Em “O Interesse da Psicanálise para a Estética”, Freud (1913/1990) observa que o exercício da arte é uma atividade encaminhada à mitigação de desejos inconscientes insatisfeitos. Mais ainda, que as forças propulsoras da arte são as mesmas que conduzem alguns conflitos às neuroses e que movem a sociedade à criação de suas instituições. Acrescenta que, ao lado da parte manifesta do gozo estético, há uma parte latente, muito mais ativa, procedente das fontes ocultas da liberação das pulsões.

Como sabemos o desejo inconsciente, por definição, é irrealizável desde que o objeto capaz de o satisfazer não existe. Sendo assim, sua função na sublimação (vicissitude da pulsão dessexualizada), é a de mover o homem a realizações artísticas, construindo objetos substitutivos do objeto faltante. Mas não só. Encontramos em Lacan (1988) a fórmula de que a sublimação é elevar o objeto à dignidade da Coisa (Das Ding), este se colocando no lugar do que nos falta, no que falta ao corpo alienado ao imperativo superegoico. O objeto pode ser dignificado sem que se torne, necessariamente, uma obra de arte socialmente reconhecida como tal. Se pensarmos, com Lacan, essa Coisa, das Ding, como o objeto a, objeto causa de desejo, podemos articular esse reencontro impossível com o gozo.

É pelas pulsões que poderemos ter acesso ao Real, e o Real que se trata da pulsão é a Coisa (Das Ding). Sabemos que o gozo se relaciona tanto com o prazer quanto com o desprazer; podendo assim, gozar do sintoma. Todo o sintoma provê gozo, só que às vezes é o próprio sofrimento que é o gozo, nos casos de necessidade de punição por um sentimento de culpa inconsciente.



É possível aos artistas terem uma constituição que comporte uma grande aptidão à sublimação e, em contrapartida, serem pouco habilitados a efetuar recalques suscetíveis de atenuar conflitos psíquicos. Os conflitos neuróticos surgem de uma incompatibilidade entre o desejo e a lei da cultura. Do conflito neurótico, só temos notícia através dos sintomas, das inibições, da angústia e da psicopatologia da vida cotidiana, mas se pode concluir que provem de um desejo que foi recalcado por ser reconhecido como incompatível com as exigências culturais. Mas, mesmo recalcado, o desejo não deixa de se manter ativo, explicando-se desse modo a consequente formação de compromisso entre esse desejo e a defesa que constitui o sintoma - solução paliativa e provisória que alivia o sujeito, de uma angústia, até então não nomeada.

A Coisa, vazia em torno do qual pode-se construir algo que aponte para uma resolução satisfatória dos destinos do sujeito, é o lastro a partir do qual o gozo estético se esboça. Como coloca Quinet (2019), a finalidade da tragédia teatral, segundo a definição clássica de Aristóteles, é proporcionar a catarse da compaixão e do temor. Catarse, longe de ser eliminação, é antes depuração, delineação, acentuação desses afetos, que são manifestações do Real no espectador. Este o experimenta não para livrar-se dele e sim para vivenciá-lo através da identificação com o herói trágico. Se ele se identifica totalmente, sentindo o que o herói poderia estar vivendo, ele tem medo, horror e se angustia; caso não se identifique totalmente, ele sente pena, compaixão do protagonista.

333

A catarse é uma manifestação emocional que desaparece lentamente, de forma gradual, e conduz o sujeito para um desdobramento interno, de forma a ser tomado por uma “sensação oceânica”. Sua pulsação e a respiração diminuem, os músculos relaxam e todo o organismo tende à tranquilidade. Ela é uma emoção participativa que não se dissocia do pensamento, diferente do êxtase. É baseada na compreensão, compaixão, identificação e arrebatamento. Seus processos fisiológicos tendem a encontrar saída nas lágrimas. Estas, quando ocorrem, são produtos do pranto, reflexo do transbordamento pelo excesso de emoções participativas (Koestler, 2021).

A conclusão aristotélica pode ser generalizada para toda representação artística. No entanto, a finalidade do teatro não é fazer o espectador sofrer e sim obter o prazer estético. Trata-se de fazer o espectador experimentar esses afetos com prazer, com entusiasmo. É esse gozo, mistura de dor e prazer, que Freud chamou de *Genuss*, e Lacan, propriamente falando, de gozo. Esse gozo experimentado não é desvinculado da verdade e de algum saber transmitido durante um espetáculo.

A superação da dor do sujeito, provocada pela identificação com o protagonista é motivada inconscientemente: a realização de desejos inconscientes ou pouco confessáveis, que a arte permite impunemente ao espectador. Como num sonho, que é uma modalidade da realização de desejos, a arte permite colocar o Inconsciente em cena. A arte viva e pulsante vira então a Outra Cena e coloca em jogo as três dimensões do espaço psíquico, as instâncias do dito: o Simbólico do registro histórico das fábulas do sujeito e o Real da satisfação do gozo da transgressão, colocadas



em cena pela Opsis, o espetáculo do Imaginário. O terror e o temor que o espectador experimenta é relativo ao seu próprio desejo, e a arte leva o sujeito a defrontar-se com ele, promovendo não a defesa, como seria o caso da neurose e do sintoma, mas sim, para além do terror e do temor, o entusiasmo, o prazer estético. A arte, por mais trágica que seja, não tem como objetivo causar o sofrimento e sim o prazer e o despertar. Esta é a condição da arte: transformar o sofrimento em prazer, ou melhor, promover o gozo - que é satisfação para além do princípio do prazer, e possibilita extrair prazer da dor da tragicidade que se coloca em cena. A primeira condição da criação artística: não fazer sofrer o espectador (Quinet, 2019).

Podendo assim, pensar em um corpo desalienado do discurso capitalista. Discurso esse, que se aproveita inconscientemente do imperativo superegoico, que impõe que o sujeito goze e, vendendo formas para isso.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o extravasar do gozo que se presentifica no corpo, demandando princípios a serem atingidos pela selvageria do supereu. Percebemos que os princípios culturais causam efeitos desastrosos, por demandarem renúncias pulsionais.

O supereu passar a existir como incitador da pulsão de morte, fortificado no próprio eu, e voltando-se contra este. Nutrindo-se da abdicação pulsional, e adquirindo mais poder. É necessário tratar o supereu pelo viés psicanalítico, em sua dimensão imperativa de gozo como fenômeno de corpo.

Dessa forma, a obra de Freud apresenta a arte como uma atividade destinada a acalmar desejos insatisfeitos, primeiro no próprio artista criador e depois nos seus ouvintes ou nos seus espectadores. O primeiro objetivo do artista é libertar-se ele mesmo e, mediante a comunicação da sua obra a outras pessoas que sofrem os mesmos desejos retidos, oferecer-lhes idêntica libertação.

Como nos colocam Laplanche e Pontalis (2001), a sublimação é uma forma de neocriação da sexualidade por ativar novas formas de satisfação pulsional, possibilitando pensarmos na criação artística como contorno dos imperativos do superego e adoecimento psíquico. Podendo assim, dialogar com o gozo no corpo, quando identificamos as representações dos sentimentos, angústias e afetos dos artistas e espectadores, apresentados no objeto elevado a dignidade da coisa, este se colocando no lugar do que nos falta.

4 REFERÊNCIAS

Cordeiro, N. M. L., & Bastos, A. (2011). O SUPEREU: IMPERATIVO DE GOZO E VOZ [Versão Eletrônica]. *Tempo psicanalítico*, 43(2), 439-457.
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v43n2/v43n2a11.pdf>

Freud, S. (1905). *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Imago.

Rev. Psicol Saúde e Debate. Set., 2023:9(2): 328-335.



- Freud, S. (1915). As pulsões e suas vicissitudes. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira, v. XIV. Imago.
- Freud, S. (1979). *Psicologia das massas e análise de si*. In: *Trabalhos completos*. Amorrortu.
- Freud, S. (1990). Totem e tabu. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira, v. XIII. Imago.
- Freud, S. (1990). O eu e o isso. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira, XIX. Imago.
- Freud, S. (1990). O mal-estar na civilização. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira, v. XXI. Imago.
- Koestler, A. (2021). *O ato criativo*. Kírion.
- Lacan, J. (1986). *O seminário. Livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1988). *O seminário. Livro 7: a ética da psicanálise*. Jorge Zahar Editor.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. Martins Fontes.
- Quinet, A. (2019). *O Inconsciente teatral: psicanálise e teatro: homologias*. Atos e Divãs.